1.º ANNO — Sabbado, 25 de julho de 1908 — Numero 23

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 réis
Repetições	15 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

NO PANTANO

A imprensa monarchica volta a insistir em que a fraude dos adiantamentos é questão morta, e foi já enterrada depois que as côrtes votaram o enganchado projecto de lei fixando a lista civil do novo soberano, e regulando a maneira de liquidar os taes adiantamentos, mesmo sob o obice do artigo 5.º, uma especie de valvula que, em dado momento, servirá para livrar o caixeiro de difficuldades.

A moralidade correu o véu. Os associados julgam-se já a salvo, porque a superficie do pantano está apparentemente serena. Não obstante, um periodico francez, talvez recebendo a deixa de quem está no segredo dos mysterios da nossa casa, veio revelar-nos, ha dias, novos escandalos, e sem refolhos nem evasivas apontava os bemaventurados que sem terem corôa, nem sceptro, levaram do cofre publico grossa e indevida maquia... sem ordem dos donos.

E accodem os jornaes da grey—que é necessario entrar em vida nova, e emendar os erros e os vicios da vida velha. Como se isto tivesse já concerto! Se as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, como attenuar a crise medonha que nos assoberba, se os homens que crearam essa situação mutuamente se accusam de venaes, de delapidadores, de faltos de escrupulos quando dispunham arbitrariamente do nosso dinheiro?!

Como querem os altos sustentaculos do regimen cohonestar a intangivel culminancia d'este com a duvidosa honestidade dos seus ministros? Se estes representam de facto e de direito o principio a que se subordina todo o machinismo das instituições, não ha que fugir do dilemma: — A monarchia vive do impaludismo, e todos os seus satelytes teem de mergulhar no pantano ao fazerem a trajectoria em volta do... sapo.

E de mais, se as nossas accusações ou reproducções delatorias pódem ser acoimadas de acrimoniosas, o mesmo desfavor não devem merecer aquellas que partem de origem insuspeita.

Não ha ainda muito tempo que o digno par do reino snr. Francisco José Machado, declarou em plena camara alta que só agora é que percebia muitos factos, para os quaes, em tempo devido, não encontrou nem lhe déram explicação, por mais que instasse, por mais que solicitasse, por mais que estudasse. Agora vê claro. Está patente e é conhecido o fim que levou o dinheiro do contribuinte...

Assim, estudando o relatorio de fazenda de 1905, ali encontrou, na pagina 8, da 2.ª parte, o seguinte:

Comparação entre as receitas «totaes ordinarias» e «extraordinarias», não provenientes de emprestimos, e as «despezas totaes»:

Deficits:

1900-1901, 2:827 contos; 1901-1902, 5:500 contos; 1902-1903, 4:096 contos; 1903-1904, 4:227 contos. Somma, 16:650 contos.

Depois teve a curiosidade de querer saber por que fórma o governo obteve recursos para fazer face a estes *deficits*, e, requerendo os documentos respectivos, verificou o seguinte:

O augmento da divida fluctuante de 30 de junho de 1900 a 20 de outubro de 1904 foi de 19.911.347:768;

A venda de titulos rendeu 6.775.380:400;

Fez-se um emprestimo com o Banco de Portugal de 450.000:000;

Lucros da amoedação do nickel no 1.º semestre de 1901, 397.000:000;

Idem, 2.º semestre de 1901, 29.566:000;

Idem, 1.º semestre de 1902, 99.210:000.

Somma, 27.621.165$400.

Tendo sido o *deficit* dos 4 annos de 1900-1901 a 1903-1904 na importancia de 16:650 contos e tendo-se obtido, além das receitas ordinarias e extraordinarias, 27:624 contos, *desappareceram, sem se saber em quê, 10:371 contos!*

Em 1904 não encontrou explicação para o desapparecimento das contas do thezouro de tão importante quantia; hoje todos a encontram, mas é necessario que tudo se esclareça.

Não façâmos barulho. «Póde, é certo, (diz o *Diario Popular)* ter recebido a Casa Real do thesouro sob emprestimos ou adeantamentos que as leis não justifiquem e em formas até reprehensiveis.» Mas, occultêmos essa nossa vergonha ao estrangeiro, insinuam os da sucia.

Emquanto a giboia faz a digestão, vamos nós preparando-lhe outro banquete lauto.

CONTRIBUIÇÕES

A 31 do corrente mez termina o pagamento voluntario das contribuições geraes do Estado referentes a 1907.

PELA AGRICULTURA

Vae grande desanimo entre os lavradores da nossa região em virtude da falta de chuva, o que faz com que os milharaes se apresentem bastante fracos e nada promettedores.

No visinho concelho de Estarreja está-se vendendo a medida de 20 litros de milho por 900 réis, preço alto deveras para as classes menos favorecidas da sorte.

E' a fome, a mizeria a bater-nos á porta. E tantos milhares de contos roubados a este desgraçado povo!!

Dr. Egas Pinto Basto

Realisou-se, no passado domingo, a ceremonia da investidura do capello em philosophia, na Universidade, ao nosso distincto conterraneo, snr. dr. Egas Pinto Basto, filho do snr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, antigo presidente da Camara e um dos chefes do partido progressista local. Cumprimentamos, por tal motivo, o novel doutor, que é um dos mais illustres filhos de Aveiro, assim como toda a sua familia, inclusivé o nosso correligionario, snr. dr. Couceiro da Costa, juiz de direito em Salsête (India).

Em 31 de dezembro de 1890 a nossa divida fluctuante estava em

33.728:000$000

Em 31 de maio ultimo subia a

78.042:043$602

Nos 18 annos do reinado de Carlos I essa divida augmentou

44.414:043$602!!!

Regata

O «Club Mario Duarte»—associação composta na sua maxima parte da *jeúnesse dorée* cá da terra—prepara-se com todo o afan para as festas que tenciona levar a cabo no dia 16 de agosto proximo, as quaes estão despertando geral enthusiasmo.

A parada *ciclysta* para a qual já se acham inscriptos corredores, ás dezenas, deve ser um numero de lindo effeito, assim como a regata para que se destinam muitos e valiosos premios.

O programma dos festejos de agosto não está ainda definitivamente organisado; sel-o-ha, porém, brevemente e d'elle daremos contas aos nossos leitores.

CONVENTOS E ESCOLAS

Entre os varios subsidios alcançados do governo, ultimamente, para esta cidade pelo snr. conde de Agueda, figura o de um conto de réis para conclusão de certas obras no convento das Carmelitas.

Por conta do Estado já alli se gastaram, quando da abertura da Avenida e depois d'isso, alguns centenares de mil réis. Outras grandes quantias tem o Estado gasto egualmente com obras feitas no convento de Jesus, segundo nos informam.

Vê-se, portanto, quão religiosos são os governos d'este paiz, pois especial cuidado lhes hão merecido os conventos com que, diga-se de passagem, a sociedade nada aproveita. Antes pelo contrario.

Que importa que os conventos de Jesus ou das Carmelitas precisem de reparações para a sua conservação? Façam-n'as aquelles que dos mesmos conventos tiram proveito ou utilidade. A nação com elles nada lucra, nem directa, nem indirectamente.

Gastar um conto de réis com o convento das Carmelitas, ficando elle *sempre convento* não approvamos; applaudiremos, porém, se fôr transformado de maneira a poder ser um dia aproveitado para n'elle se installarem repartições publicas: o tribunal, por exemplo.

Mas tem-se gastado e vae gastar-se, sem dó nem piedade, ainda muito dinheiro do povo em bemfeitorisar capellas, egrejas, etc., etc., ao passo que para as escolas primarias se regateiam miseraveis quantias!

N'este concelho algumas escolas officiaes estão funccionando em pardieiros infectos, sem luz e sem ar; entretanto para ellas, para as creanças, que a ellas concorrem a fim de instruir-se, não ha olhares compassivos!

Aldeias ha onde o numero de creanças recenseadas é superior a cem e a casa da aula mal chega para vinte! Para isto não se olha, para isto não ha dinheiro.

O bem estar do povo—essa pobre besta de carga a que tudo exigem, a quem desprezam, a quem mal tratam, que não tem direitos, nem regalias—não merece aos homens, que se encontram á frente da nau do Estado, a menor consideração, a menor attenção!

As madres abadessas, carmelitas, dominicas ou franciscanas, para essas sim, para essas abrem-se os cofres da nação e o dinheiro vem á farta, a rodos!

Já estamos a prevêr o argumento de que o conto de réis é para, reconstruindo-se a fronteira das Carmelitas, se embellezar a, hoje, Avenida Albano de Mello.

Este argumento não tem no fundo valor algum, mas admittido que o tenha, perguntaremos: E o dinheiro do Estado que se tem gasto no convento de Jesus é para embellezamento de quê?

ALBERTO SOUTO

Concluiu, na quarta-feira, os seus trabalhos academicos do presente anno lectivo, ficando approvado com 13 valores, o nosso amigo e talentoso camarada e correligionario, sr. Alberto Souto, a quem enviamos um abraço muito sincero e cordeal.

Este nosso amigo vae frequentar, em 1909, o 6.º anno do curso no lyceu central do Porto.

QUESTÃO MORTA?

A questão dos adiantamentos feitos, illegalmente, á casa real, diz a gente monarchica ser uma questão *morta*. Sel-o-ha para ella, sim, mas não para o paiz, que jámais poderá esquecer os roubos sem conta de que tem sido victima. Assim como nunca se póde esquecer o gatuno que, na estrada, nos assaltou, roubando-nos a carteira, assim o paiz, roubado nos seus haveres, empobrecido pela canalha dourada, a verdadeira, a unica canalha, nunca olvidará aquelles a quem deve a sua desgraçada situação financeira.

A questão dos adiantamentos não morreu, nem morrerá.

Para isso, seria preciso que todo o povo portuguez deixasse de existir.

Mas, se é verdade que os reis passam e as instituições desapparecem, o povo fica e as nações perduram. O apuro de contas ha de fazer-se. Hoje? Amanhã? Tarde ou cedo, pouco importa; a questão vital para o paiz é que elle se faça, que ao paiz se restituam aquelles milhares de contos sahidos fraudulentamente dos cofres publicos.

A questão dos *adiantamentos* demonstrou á saciedade quanto valem todos esses honrados e conspicuos cidadãos, que, até hoje, hão governado esta nossa malfadada Patria.

Nem um, sequer, se aproveita!

Tudo pôdre, inteiramente pôdre!

E o snr. Vilhena, o homem do 2 de janeiro, já *prometteu* novos adiantamentos!

Quando terminará tudo isto?

GARRAIADA

Em differentes pontos da cidade appareceram affixados na quarta-feira, em grande abundancia, os prospectos annunciadores da garraiada, que o Club dos Gallitos realisa no dia 2 de agosto, na Praça de Touros.

Os bilhetes acham-se desde já á venda em todos os estabelecimentos e cada serie de dez de *sol* ou cinco de *sombra* dá direito a ficar-se habilitado na rifa de uma bicyclette.

Cada assignatura custa réis 1$000.

CARTA DE LISBOA

23 de julho de 1908.

Lêr os jornaes monarchicos presentemente, na sua parte politica, é um sacrificio horroroso para quem tenha a paciencia pouco apta para receber, sem protesto ruidoso, esse rosario de arrieiradas, que todos os momentos se desfia á falta d'uma argumentação limpa e correcta.

Exceptuaremos, porém, a imprensa dissidente que, por emquanto, tem estado onde o dever lhe indica.

Eu leio todos os dias a imprensa monarchica muito por alto, porque o tempo me não sobra para um exame minucioso.

O que, porém, deprehendo d'essa campanha vergonhosa dos rotativos contra o partido republicano, e muito principalmente contra os seus vultos mais salientes, é que ella nos serve admiravelmente.

O partido republicano precisa d'essa opposição, tanto mais que ella lhe vae aproveitando.

No entanto ha occasiões em que ella se não tolera: é quando sae do campo politico para o campo pessoal, porque então não assistimos a um combate politico, mas, sim, a uma batalha de caracteres.

E quem baralha a questão pessoal com a questão politica são os senhores rotativos, que perdem a cabeça á falta de argumentos, que combatam, lealmente, os seus adversarios.

Ninguem contraditou, ainda, que dentro do partido republicano não haja bom e mau, como em todas as sociedades. O que ninguem, no entanto, póde affirmar, é que os dirigentes do nosso partido não sejam homens limpos de qualquer mancha, quer na sua honra de cidadãos, quer na sua vida privada.

Portanto, tudo o que se inventar para calumniar esses homens, e que os possa magoar na sua dignidade, é tambem uma affronta á grande maioria do paiz, que n'esses homens delegou toda a sua confiança.

O partido republicano, quando essa malta se encontrou na opposição, foi por ella considerado um partido heroico, os seus chefes os homens mais patrioticos do paiz, as suas palavras eram de justiça, os artigos dos nossos jornaes transcriptos pela sua imprensa, com grande ornamentação de côres garridas, que mais os engrandeciam ainda aos olhos do paiz, pouco habituado a ouvir da boca de similhantes individuos elogios a quem mais os tinha até então combatido lealmente, mas sem treguas:

—*A ideia Republicana foi uma ideia nacional*...

De Antonio José d'Almeida disse a mesma imprensa, acompanhando a sua photographia:

«Homens d'estes fascinam e arrastam...

«Felizes das gerações que os possuem... etc., etc.»

Durante algum tempo, esses jornaes, confundindo-se com os jornaes republicanos, eram lidos com prazer, porque havia alguma coisa de bello:—o accordar de sentimentos novos nunca até então confessados, como n'esse momento critico em que uma Patria heroica esteve para mostrar n'um movimento de protesto definitivo, que o sangue de seus filhos era ainda o mesmo, que outr'ora fez recuar francezes e castelhanos.

Mas dois homens surgiram nascidos do protesto d'um povo inteiro, impellidos pela necessidade de impedir a todo o transe que a porta da tyrania se abrisse, e que por ella passassem almas nobres, ao simples gesto dos despotas d'então.

N'essa tarde o paiz soltou um suspiro de alivio, que foi secundado por esses cynicos rotativos, que, como acordados d'um sonho mau, puzeram uma pedra sobre as suas palavras passadas, desdizendo o que hontem tinham dito, acusando quem hontem defendiam.

Nem mesmo os regicidas escaparam, esses heroicos allucinados, cuja memoria tantas mães hoje piedosamente evocam, essas duas victimas que, com o sublime sacrificio das suas vidas, salvaram a vida de centenares de cidadãos honrados.

Foram elles que os puzeram novamente no poder, onde jámais voltariam, e, apezar de intimamente applaudirem o seu desvairado acto, na sua imprensa, nos palacios da alta roda, em toda a parte emfim, onde a reacção tem um posto de abrigo, ahi lhe babaram a memoria com venenosas phrases de rancor, procurando cada qual melhor cravar as garras nos seus corpos, para gaudio d'essa camarilha nojenta do Paço.

Mas não fizeram mais do que abrir-lhe as portas da Historia, onde a estas horas os seus nomes já são immorredoiros; tanto o são, que hoje não será difficil encontral-os em casa de qualquer democrata, pendentes das paredes do seu quarto de dormir.

E' que elles, com a sua presença muda, dão-nos, cada vez que os fitamos, uma lição de civismo.

IGNOTUS.

Roubo e ferimentos

Na noite de 20 do corrente, quando o snr. Manoel Luiz Ferreira de Abreu, estudante do nosso lyceu, vinha d'Eixo para esta cidade, foi assaltado no pinhal da Azurva por tres meliantes embuçados que lhe furtaram a carteira e o feriram, á queima roupa, com 2 tiros de rewolver, dos quaes, foi attingido por um na perna direita.

O sr. Abreu, depois de muito custo, conseguiu ser recolhido em casa de um lavrador onde foi pensado, vindo depois em um carro para esta cidade.

Os meliantes fugiram em seguida, não constando que até agora houvessem sido presos.

A Casa Real e o Thesouro

Dos mappas que temos publicado já os contribuintes podem avaliar a importancia das despezas illegaes com as obras nos palacios reaes.

Manda a lei de 16 de julho de 1855 que as côrtes sejam ouvidas sobre a conveniencia d'essas obras. Nunca o foram, nem no reinado de D. Luiz, nem no reinado de D. Carlos.

Assim, sem conhecimento do publico e sem que fossem ouvidas as camaras, no reinado de D. Luiz—e d'este reinado ainda falta muito que dizer—já apurámos que nos paços de Belem, Ajuda, Queluz, Cidadela de Cascaes, e ainda nos palacios, sem designação especial, se gastaram em obras **957:197$612 réis.**

E as contas **ainda estão incompletas,** como incompletas estão ainda as contas das despezas com os palacios de Belem, Ajuda e Necessidades do reinado de D. Carlos, e que, entretanto, já sobem a **1.402:664$891 réis.**

Somam as duas monstruosas parcelas nada mais nada menos do que **2:359 contos.** A media das despezas annuaes com os tres palacios, durante o reinado de D. Carlos, foi de 82 contos de réis! Quando apurarmos as contas relativas aos outros palacios ver-se-á a quanto atinge essa média. Juntem-se a estes desperdicios a lista civil, os adeantamentos, as despezas com o hiate e outros barquinhos, os comboios especiaes, as viagens, as rendas e veja-se por quanto nos tem ficado a realeza.

(Da «Luta»).

Excursão a Espinho

A «Sociedade Recreio Artistico», projecta, para o dia 9 de agosto proximo, uma excursão á praia de Espinho.

A avaliar pelas digressões, que esta prestimosa Sociedade costuma effectuar, é de crer que a excursão áquella estancia balnear constituirá mais um triumpho para aquella collectividade.

Comquanto o programma não esteja ainda elaborado, dizem-nos que se projectam lindas diversões que muito hão de agradar aos excursionistas.

Fala-se que acompanha tambem a excursão o *Rancho das tricanas das Olarias*, que tantos progressos ultimamente tem feito.

Oxalá a excursão se realise e que tudo corresponda á medida dos desejos de seus incansaveis promotores.

Sonho...

N'um pequeno paiz, cujo littoral o mar sempre intranquillo, ora, quasi a dormitar, beija com as suas ondinas espumantes, ora, em accessos de raiva, bate impiedosamente com as suas vagas, em tumultuoso tropel, eu sonhava...

Lindo paiz era aquelle! Encantador jardim que o mundo não tem egual!...

Eu sonhava...

Sonhava com o monarcha de esse bemdito paiz, a que a natureza, prodiga e generosa, tinha concedido encantos sem par!

O rei era uma creança ainda... nunca pensára em reinar, mas um caso inesperado e lugubre chamara-o ao tablado politico e fizera d'elle um coroado.

E eu fallava ao rei:—Vem commigo, ó magestade, desce de esse throno recamado de ouro e purpura, abandona, por alguns dias, o palacio onde habitas e aonde, sem que o suspeites, te cercam a Mentira, a Intriga, o Odio, a Bajulação, a Maledicencia...

Vem... nada receies.

Eu pugno por um ideal, que, sei, te não é sympathico e desejo immenso vêr despedaçar-se a corôa que na cabeça ostentas.

Republicano, sou o que devo ser:—inimigo dos principios que representas. Quero, ambiciono a Republica, mas, se me acompanhares e alguem tentar aggredir-te ou injuriar-te, eu sahirei á estacada a defender-te!

Não precisamos do teu sangue, nem do de pessoa alguma, para obtermos a victoria...

Vem, confia.

Em defeza do homem, o homem saberá luctar.

Demais, que se alcançaria com as aggressões ou ultrajes que te fossem feitos?

O descredito do meu partido.

Este, porém, olha para ti compassivamente.

Como homem lamenta-te, mas não projecta, nem projectou já mais, anniquilar vidas, sejam de quem fôrem, nem está no feitio dos campeões da Republica injuriar alguem.

E o povo, apesar de tudo, é bom, é generoso em extremo.

Vem, pois, ao meio da plebe, de que os cortesãos desdenham...

Vem, comprehenderás que esse povo, ao contrario do que os teus aulicos affirmam, se divorciou, ha muito, da monarchia, e, como eu, anceia por estabelecer um regimen, mais justo e egualitario, com o qual, mercê do teu nascimento, não pódes, talvez, transigir...

Vem, ó rei, ouvirás d'esse povo, na sua linguagem rude, mas chã, o que elle pensa ácerca dos homens que te rodeiam, hoje, e dos que, outr'ora, rodeiaram os teus maiores.

De todos esses homens elle completamente descreu, porque, embusteiros sempre, perante elle já se desqualificaram e perderam.

Sem duvida que pela tua vida despreoccupada, alegre e cheia de opulencias, avalias a vida de todo o paiz aonde reinas.

Como te enganas!

E's rico, poderias dispensar a dotação que te marcaram, e, por isso, pintarás côr de rosa, na tua imaginação fertil de creança, o quadro que ahi se mostra, a todos nós, cheio de negras côres.

Vem, ó rei, d'esse throno; percorre commigo os montes, valles, aldeias, villas, grandes e pequenas cidades da nossa tam linda Patria, e, se tens alma, se tens coração, sentir-te-has contristado e abatido quando vires milhões de infelizes a alimentarem-se com um bocado de pão de rala ou com um magro caldo de cebôla—seu sustento de longos dias, de longos mezes!

Alimento lhes chamam!

Ah, como esses desgraçados se illudem e enganam os estomagos, definhando-se dia a dia e como esse definhar se reflecte na sua prole, originando o enfraquecimento de uma raça que já foi valente, forte e valorosa!

E aquelle bocado de pão e aquelle caldo, pobres de principios nutritivos, sabe-o Deus, quantas lagrimas e gottas de suor custaram!

Oh, essas alcavalas varias, as congruas, as derramas e os impostos enormissimos que os teus governos hão lançado sobre o povo, quer directa, quer indirectamente, nada lhe deixam do salario ganho para melhor se nutrir.

Só mizeria, só mizeria!

Tributa-se o pão e a carne, o milho e o pescado, tributa-se em fim tudo quanto mais necessario é á vida, sem dó, nem piedade, sem compaixão pelas classes desprotegidas, de quem se lembram e a quem só cortejam quando as eleições se avisinham!

Se soubesses, ó rei, quanto essas classes soffrem!

Emquanto nas noites immensas de um inverno, que regela e inteiriça os membros, te delicias com a temperatura suave e morna do teu leito, alli no campo e em desabrigado tugurio, tendo por unica protecção uma esfarrapada manta, treme de frio e fome um pobre velho que levou a vida inteira na faina santa e honrada do trabalho!

E eu a fallar-te em trabalho! Sabes lá tu o que elle é!...

Sobre o junco immundo de uma acanhada choupana, dormem rôxas de frio pobres creancinhas, depois de haverem passado um dia inteiro a luctar com a fome, porque a Fazenda, barbara e cruel, não tendo pago seus paes a contribuição miseravel, que se lhes exigia, lhes penhorou a terra de onde tiravam o pão com que as nutriam!

Rei, é feito de lagrimas o alimento do povo!

Rei, são lagrimas da plebe esses reaes que annualmente entram nos cofres do Estado!

Faze com que os poupem, obsta a que os desperdicem!

Emigração

Pelo governo civil de Aveiro, foram concedidos, durante o mez de maio ultimo, passaportes a 216 emigrantes, 164 varões e 32 femeas, destinando-se 215 aos Estados Unidos do Brazil e 1 á America do Norte.

Pertenciam 27 ao concelho de Agueda, 2 ao de Albergaria, 22 ao da Anadia, 10 ao de Arouca, 8 ao de Aveiro, 9 ao de Castello de Paiva, 18 ao de Estarreja, 28 ao da Feira, 3 ao de Ilhavo, 4 ao de Macieira de Cambra, 8 ao da Mealhada, 18 ao de Oliveira d'Azemeis, 2 ao de Oliveira do Bairro, 30 ao de Ovar, 5 ao de Sever do Vouga e 22 ao de Vagos, e eram: 15 proprietarios ou capitalistas, 9 commerciantes, 7 empregados no commercio, 55 agricultores, 9 maritimos, 1 barbeiro, 13 carpinteiros, 5 pedreiros, 22 de profissão não especificada, 52 jornaleiros, 3 pescadores, 18 de occupações domesticas e 7 sem profissão e sómente 127 varões e femeas sabiam lêr e escrever.

Emigravam 147 pela primeira vez, 43 pela segunda, 15 pela terceira, 6 pela quarta, 3 pela quinta, 1 pela setima e 1 pela oitava.

Montepio Nacional

E' uma associação de soccorros mutuos, que veio substituir a «Liga dos Funccionarios Administrativos» fundada em Lisboa, em 1905.

Pouco conhecido ainda, talvez, em Aveiro, onde tem um limitado numero de socios, o Montepio Nacional merece que todos por elle se interessem.

Os seus fins humanitarios são: dar pensões aos socios; a parentes d'estes em certos graus; a estranhos, em determinadas condicções, e conceder dotes a pensionandas solteiras ou viuvas.

Os socios, que se inscreverem agora, mediante a quota de quinhentos reis mensaes e joia variavel conforme a edade por cada 100$000 reis adquirem o direito de legar o terço da pensão, no fim de cinco annos; metade no fim do setimo e a pensão por inteiro no fim do decimo anno.

Recommendamos a todos aquelles que não disponham de meios de fortuna que façam inscrever-se, o mais breve possivel, como socios do Montepio Nacional, a fim de, com um pequeno sacrificio mensal, poderem garantir, quando regressarem ao seio da Natureza, o bem estar de aquelles que lhes são caros.

A séde da associação é na rua Arco Bandeira n.º 104—2.º, em Lisboa.

AGRADECIMENTO

Immensamente grato para com o ex.^mo snr. dr. Lourenço Peixinho, pelo disvello e interesse com que me tratou na minha recente doença tão grave e que tantos receios me inspirou e a minha familia, eu não posso deixar de publicamente dar a s. ex.ª os meus agradecimentos e de lhe patentear assim o meu eterno reconhecimento.

E a minha gratidão não é só para o medico distincto que tão habilmente debelou os meus padecimentos, é tambem para o amigo, carinhoso e dedicado, que eu tive a sorte de encontrar sempre á minha cabeceira—o snr. dr. Lourenço Peixinho.

Aos amigos e a todas as pessoas que me vizitaram e inquiriram do meu estado de saude, durante esses tristes e longos dias, a minha gratidão tambem, e o meu reconhecimento.

Quinta do Gato, 23-7-908.

Thomé Valente Banca.

Festival no Jardim

Não poude realisar-se no passado domingo, como aqui annunciámos, em virtude da banda regimental ter de ir assistir a uma festividade em Alquerubim, mas effectua-se ámanhã ás horas já indicadas, isto é, das 8 horas e meia da noite em diante.

O rancho de tricanas das Olarias vae, decerto, conquistar os mais enthusiasticos applausos de todos que tiverem a dita de gosar o lindo festival.

Assistimos, hontem, a um dos ensaios do *rancho* e podemos asseverar que as nossas tricanas e rapaziada, que compõem o grupo, estão distinctamente ensaiados. Alguns numeros de musica são muito bonitos.

Como já dissémos aqui, o producto do festival é em beneficio da Associação de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, sendo a entrada geral 50 réis.

Damos a seguir os nomes das tricanas e dos rapazes nossos patricios que compõem o *Rancho das Olarias:*

Leontina Fragoso Couceiro, Maria da Luz Brandão, Celeste Raposo, Maria Ambrosina de Freitas, Noemia Guimarães, Rosa Pereira Campos, Margarida Casimiro, Carolina Freitas, Maria José Couceiro, Maria Julia Casimiro, Idalina Gamellas, Antonia da Cruz, Maria Augusta Costa, Antonia Raposo.

Firmino Costa (ensaiador), João Telles, Mario Telles, Manoel S. d'Andrade Cadete, Francisco Costa, Nephtali Duarte, Mario Silva, Eduardo Ferreira da Silva, Antonio Freitas Junior, Manoel Raposo, João de Sousa Marques, Jeremias de Carvalho, João Amaral e Manoel Marques.

Tuna:—Francisco de Mattos Bandarra (regente), José de Mattos, Antonio de Mattos, Antonio da Paula, Luiz Correia, Manoel Salgueiro, João Salgueiro, Tiburcio Gomes, Alfredo Barreto, José Ramos, José Breda e João de Moraes Gamellas.

O programma que será executado ámanhã á noite pela banda regimental, é o seguinte:

1.ª parte: — *Marcha,* Souza; *Campanoni* (symphonia), Rossini; *Paixão de Diana* (mazurka), Argar; *Sanson et Dalila de Saint Sans.*

2.ª parte:—*Pagliaci,* Leoncavallo; *Um sonho* (polka), Moraes.

Depois apresentar-se-ha o rancho acima referido, que executará o seguinte reportorio:

1.ª parte:—*Marcha de Aveiro,* letra de Manoel Cadete e musica de Augusto da Cruz; *Morena,* lettra e musica de Zé Só; *O Beijo,* letra de Davim e musica de José Elyseu; *Cantigas ao Vento,* lettra de Augusto Pinto e musica de José Prôa; *Idylio,* letra de Manoel Cadete e musica de * * *

Intervallo de 20 minutos.

2.ª parte:—*Serenata,* letra de Darionésdres e musica de Francisco de Mattos; *Tricana d'Aveiro,* letra de Martins de Carvalho e musica de Saldanha Junior; *Fado,* letra de Castello Branco e musica de Dias Costa; *Marcha de Aveiro.*

Chronica de Cacia

A monarchia, completamente exauctorada pelas tremendas e certeiras accusações da brilhante e intemerata minoria republicana no parlamento, já appella para novos *trucs,* a vêr se consegue amedrontar e entibiar o animo d'aquelles, a quem o povo confiou a defeza da sua liberdade, das suas regalias e dos seus haveres. Tempo perdido. Já nada consegue deter, n'esta altura da nossa evolução politica, a marcha triumphal da Democracia, cujas hostes cada vez mais compactas e disciplinadas, a despeito do que em contrario possa dizer qualquer grilheta do jornalismo, se aprestam galhardamente para o embate final.

Não vêm isto os senhores monarchicos, e, na illusão da sua demencia, julgam designadamente os *adeantadores* e os *adeantados* do dinheiro da nação, que bastam... tres ou quatro conflictos pessoaes, liquidados no chamado campo da honra, por intermedio dos seus mais afamados *espadachins,* para que immediatamente os republicanos recolham a falla ao bucho, se retratem das accusações feitas e esfriem nos seus propositos de partido opposicionista por excellencia.

Tudo isto seria comico se não ameaçasse degenerar em tragedia. E a razão é simples. Estes *cavalheiros* ignoram, ou fingem ignorar, o que a minoria republicana vale, não pelo que numericamente significa, mas sim pelo illimitado apoio que a opinião publica lhe confere. Ora sob este ponto de vista a representação republicana é verdadeiramente formidavel.

Não são sete deputados republicanos que accusam a monarchia, e, com especialidade, os nefastos *rotativos.* E' a opinião publica que falla pelas suas boccas e estygmatisa aquelles que teem feito d'este paiz uma authentica Falperra. E' uma nação que ha muito tempo vê escoar-se por mil sorvedouros e escaninhos o producto da sua actividade e do seu labôr. E' um povo de famintos e tuberculosos a quem o Estado sómente reconhece fóros de cidadão quando lhe exige sacrificios, mas a quem immediatamente recusa amparo se, por ventura, lhe pede assistencia.

N'estas condições a minoria republicana é invencivel e não ha *trucs* nem habilidades que a compillam a desprezar o cumprimento dos seus deveres. E, ai dos delapidadores do thesouro publico e dos seus apaniguados, se a cegueira lhes aconselhar a violencia para se eximirem ao apuro das responsabilidades.

Ai d'elles, se não teem o tacto politico preciso para reconhecerem que a colera popular, longe de se extinguir, ainda continua latente e que perigoso seria aggraval-a com actos de requintada má fé.

O tempo já não vae para subterfugios, nem para *jongleries,* e a licção dos ultimos tempos bem o comprova. A epoca da indifferença publica já passou e não será agora que a insensatez de uma oligarchia politica desacreditada e impenitente, conseguirá levar a reboque das suas conveniencias partidarias e particulares a opinião da parte consciente da nação. Se tal imaginam, grande é a sua illusão.

Largo somno hypnotico dormiu este bom povo; profunda e prolongada foi a sua lethargia. Mas felizmente que factos occorrentes da maior importancia moral, politica, economica e social o teem feito despertar. Ora o somno é reparador e, como foi prolongado, não é descabido suppôr que dentro em pouco o povo, refeitas as suas energias, se disponha a collaborar com enthusiasmo na grande obra da regeneração nacional.

Essa obra tendo fracassado ruidosamente dentro do regimen monarchico constitucional, por inadaptavel ao meio, tem de realisar-se n'outro regimen mais compativel com os interesses nacionaes e com a dignidade humana. Esse regimen é a Republica.

Cacia, 22—7—1908.

Aido de Cima.

Os olhos e as lagrimas

Os olhos são os mais primorosos adornos do semblante. Interpretes do coração, photographia dos segredos da alma, os olhos falam: teem lingua e expressão; lagrimas doces e abrasadoras, sorrisos de odio e de felicidade.

Quando dois olhos se encontram, sem se conhecer, cumprimentam-se e passam de largo, como um homem cumprimentando outro para lhe pedir o lume do charuto. Mas, se se conhecem um pouco, dizem: *Passe bem!* E se ha alguma confiança entre elles, murmuram um amavel: *Adeus!*

Crusando-se dois olhos, cujos donos são de diverso sexo, trocam-se algumas palavras, que podemos traduzir assim:

Os olhos d'elle:—*Não me interessa.* Os d'ella:—*Nem a mim.*

E ambos continuam tranquilamente seu caminho.

Ou então este dialogo:

Os d'elle:—*E' encantadora!*

Os d'ella:—*Muito amavel e lisongeiro!*

E tambem continuam seu caminho, embora volvendo o que chamam *rabinho d'olho* para se verem.

Estas palavras cruzam-se todos os dias entre milhares de pessoas. A's vezes variam as especies:

Os olhos d'elle:—*Estou doido por ti!*

Os d'ella:—*Não será difficil que te corresponda.*

—*Posso escrever-te?*

—*Sim.*

Isto costuma ser o prologo de uns amores *d'impressão.*

Os olhos de dois amigos abraçam-se; os de dois amantes beijam-se os das creanças sorriem e cantam.

Quando o coração soffre um pesar, os olhos elevam-se para o céu e então suspiram; se a magoa é demasiado forte, choram; mas se a dôr é tão intensa, que esgota as lagrimas, os olhos seccam-se, abrazam-se e maldizem-se no desespero.

A linguagem do olhar é frequentemente a hypocrisia dos olhos.

Quando a mulher quer dissimular, emprega certos olhares especiaes: se fala em publico com dois homens, aquelle para quem olha mais é quasi sempre o que *menos vê!* e o que *menos vê* é geralmente aquelle a quem mais quer.

O olhar da *coquette* é uma verdadeira obra artistica. Medido a compasso, combinado expressamente com o mesmo brilho, a mesma animação, egual intensidade hontem, hoje e amanhã; composto de partes determinadas, de determinados elementos, que tanto poderia exprimir amor como compaixão, confiança ou desdem,—mas que em resumo não exprime cousa alguma. Anzol preparado para toda a casta de peixe e que participa de todo o genero d'isco.

Ha olhares que descem até ao fundo da alma; outros que não passam da epiderme; outros, que passam a abranger tudo, mas que são vasios; outros que parecem ôcos e que encerram tudo.

A chave d'este idioma consiste no tacto: no *tacto do seu sentimento.*

Quando os olhares vagam distrahidos, a imaginação medita; se estão fixos e immoveis, a imaginação dorme,—instantes frequentes, em que o pensamento, cansado de correr, pára e descansa.

São o *sonho do pensamento.*

A côr dos olhos é a harmonia do olhar.

Olhos negros: energia, dominio, ambição, fogo. O negro é côr do terrivel. N'um rasto branco, são a tempestade entre a aurora; em rosto pallido, a noite entre o crepusculo da tarde; em rosto moreno, a chamma irrompendo da fogueira. Se quereis um olhar ardente, sensivel, sereno ou ameaçador, impregnado de odio, de altivez ou de loucura,—pedi-o a uns olhos negros.

Os olhos azues, são a doçura, a compaixão, o carinho. O azul é a côr da immensidade. Com rosto branco são dois pedaços de céu entre um feixe de açucenas. Em rosto pallido, dois diamantes engastados entre perolas. Em rosto moreno, dois luzeiros entre nuvens.

Se quereis um olhar terno, innocente, espiritual, de dôr, confiança ou supplica, pedio-o a uns olhos azues.

Os olhos verdes são quasi excepcionaes: quando elles nos fitam, parece que é esperança que nos sorri.

Os demais olhos são pouco notaveis pela côr: abundam muito e andam sem cotação na poesia e no romance.

Ha outros olhos, que sempre são negros,—negros como a tristeza: os olhos sem luz. Estes não falam com o mundo, mas conversam com a consciencia, Falam com Deus n'essa linguagem eloquente e muda do espirito da creatura com o do seu creador.

Bemaventurados os cégos porque seus olhos não mentem, nem veem mentir.

Francisco Mysterio.

CANTIGA POPULAR

Quem disser que a saudade
Nunca leva á campa escura,
Coma pouco e durma pouco,
Verá o tempo que dura!